

O DESIGNER: UM PEQUENO PANORAMA DOS ASPECTOS QUE CARACTERIZARAM O EXERCÍCIO DO DESIGN RESPONSÁVEL NO BRASIL

THE DESIGNER: A SMALL PANORAMA OF THE ASPECTS THAT HAD CHARACTERIZED THE EXERCISE OF RESPONSIBLE DESIGN IN BRAZIL

AMARAL, Lilian, lilianamaral@lansoftnet.com.br

PERRONE, Rafael, Ph.D., Universidade Presbiteriana Mackenzie, racperrone@gmail.com

1 ABSTRACT

This research intends to collaborate with the discussions about the challenges of the designers in the post-modern world in to investigate how these professions are taking part of the development of products with socio-environmental low impact. With the purpose of understand better the role of this professional that is, his limits and possibilities of contribution, the in face of urgency of a sustainable development for the country.

2 RESUMO

Esta pesquisa procura colaborar com as discussões sobre os desafios dos designers no mundo pós-moderno, ao investigar como estes profissionais estão participando do desenvolvimento de produtos com baixo impacto socioambiental. Com o propósito de compreender melhor o papel deste profissional, isto é, seus limites e possibilidades de contribuição, diante da urgência de um desenvolvimento sustentável para o país.

3 ANTECEDENTES

A participação dos designers na definição de conceitos e na concepção de produtos e serviços a eles relacionados que tenha em vista a melhoria das condições socioambientais do país, no que se refere à indústria aqui localizada, é um tema complexo. Uma preocupação significativa para a definição desde políticas de desenvolvimento industrial até o cotidiano profissional.

Esta preocupação não é recente. Há mais de trinta anos, trabalhos como os de Maldonado (1977), Bonsiepe (1983), Papanek (1995), Manzini (2002) e Fry (2003) ocupam-se de investigar as possibilidades do design contribuir para a melhoria das

condições de vida de populações menos favorecidas e para reduzir os impactos da produção industrial no meio ambiente.

À antiga concepção de um profissional que atua apenas no desenvolvimento do projeto de produto vêm sendo adicionadas a parâmetros ambientais e sociais, trazendo à profissão temas de sustentabilidade, ecodesign, reutilização de materiais, impacto ambiental etc.

No Brasil, algumas pesquisas têm buscado enfrentar estas questões. Nos institutos de ensino superior, registram-se alguns trabalhos, como os de Santos (1996), Malaguti(2000), Pinatti (2000), Ramos (2001), Manttana (2002), Pereira (2003), Kindlein (2006), Souza (2007) e outros, nos quais, de diferentes pontos de vista, esta temática vem sendo debatida.

Ainda que não sejam muitas as pesquisas, estes trabalhos têm o mérito de contribuir para a identificação da situação e a reflexão sobre a realidade do design e as suas atividades em relação aos nossos problemas socioambientais.

4 DESENVOLVIMENTO

A pesquisa realizada decorreu da seguinte indagação: Quais são as percepções e contribuições da esfera do desenho de produtos para a minimização de impactos socioambientais dos produtos e da produção industrial no país?

A amplitude das averiguações necessárias e respostas exigidas determinaram um campo de abordagem e uma definição metodológica para o conhecimento do problema. A metodologia adotada foi qualitativa e de ordem interpretativa, com entrevistas semi-estruturadas que definiram a coleta primária de dados.

A insuficiência de informações bibliográficas, que permitissem conhecer as percepções e contribuições dos designers para a minimização de impactos socioambientais, levou esta investigação a entrevistar profissionais que, com repertórios e trajetórias distintas, estão ligados à temática da produção do design & meio ambiente & sociedade no Brasil.

A abordagem qualitativa de investigação possibilitou investigar a participação de profissionais nas diferentes fases da atividade projetiva, envolvendo aspectos da prática, visão e expectativas da profissão.

O recorte temporal situou-se na contemporaneidade, contando com a apreciação e opiniões registradas entre os anos 2005 e 2007 nos quais se realizou a pesquisa.

As entrevistas com designers e “não designers” possibilitaram conhecer a participação dos profissionais envolvidos no projeto, segundo distintos pontos de vista, isto é, segundo a perspectiva do próprio designer e, também, segundo as perspectivas de outros profissionais que também trabalhavam com essa temática.

Os profissionais foram identificados por sua relevância no trato do problema ao se destacarem na discussão do tema: design & responsabilidade socioambiental (indicações profissionais ou referências bibliográficas).

A preferência por profissionais com repertórios e trajetórias distintas, objetivou formar um grupo que pontuasse o papel do designer pelo viés dos fatores e das forças que influenciam e determinam a atividade do profissional.

As entrevistas não foram realizadas com a intenção de conhecer ações que pudessem representar padrões de conduta para a prática profissional, mas com o fito de conhecer os aspectos que caracterizam o exercício do design responsável no Brasil.

O quadro abaixo sintetiza o contexto e o repertório dos profissionais entrevistados¹.

	ABRE ASSOCIAÇÃO DO SETOR PRIVADO	CETEA CENTRO DE PESQUISA DO SETOR PÚBLICO	CSPD CENTRO DE PROMOÇÃO COM FINANC./ PÚBLICO E PRIVADO	GRENDENE EMPRESA PRIVADA	GUETO EMPRESA PRIVADA	IPT INSTITUTO DE PESQUISA DO SETOR PÚBLICO	NATURA EMPRESA PRIVADA	NATURA EMPRESA PRIVADA	TETRA PAK EMPRESA PRIVADA	USP INSTITUIÇÃO DE ENSINO DO SETOR PÚBLICO
	P1	P2	P3	P4	P5	P6	P7	P8	P9	P10
DESIGNER										
COM FORMAÇÃO EM ECODESIGN										
COM INFORMAÇÃO EM ECODESIGN										
TRABALHA COM CRIAÇÃO										
TRABALHA COM PROMOÇÃO E ENSINO										

¹ Com o propósito de preservar a “estima” dos entrevistados, esta pesquisa optou em nomeá-los pela letra “P”, abreviação de profissional, seguida por uma seqüência de algarismos arábicos que correspondem à ordem alfabética dos respectivos locais de trabalho.

TRABALHA COM MARKETING												
TRABALHA COM TECNOLOGIA												
TRABALHA COM ECODSIGN												

No grupo entrevistado os profissionais **P1**, **P2**, **P3**, **P4**, **P5** e **P7** atuam como designers, mas somente **P3** é graduado em desenho industrial. **P2** e **P7** são engenheiros, **P4** e **P5** arquitetos e **P1** é autodidata proveniente da área publicitária.

Todos os seis que atuam na área do design, se dedicam a diferentes tarefas. Cinco deles trabalham com criação e gestão de projeto e ainda quatro dos designers atuam na divulgação e ensino do design.

Quatro dos profissionais trabalham com ecodesign. **P5** trabalha com os conceitos do ecodesign na produção artesanal. **P3** e **P4** designers trabalham com os conceitos do design sustentável na produção industrial. E **P7** trabalha para adequação de projeto aos conceitos do design sustentável na área industrial.

O profissional **P3**, graduado em design, possui mestrado na área do design sustentável e o arquiteto **P4** possui especialização também nessa área.

A Associação dos Profissionais em Design - APDESIGN tem participado ativamente da elaboração e condução do Projeto de Lei nº 2621/2003, que busca a regulamentação da profissão, pois defende que essa é uma atividade essencialmente técnica que exige preparo, capacitação e estudo específico para o exercício profissional.

Contudo, o conjunto de profissionais entrevistados mostra uma significativa diversidade de formação do profissional que hoje atua como designer nas organizações empresariais e institucionais. Não existe “o designer”, mas diferentes projetistas, com formações diversas, atuando em diferentes segmentos da atividade projetual, tanto na indústria como na pesquisa, com diferentes opiniões e percepções de consciência e responsabilidade. Na verdade, o conjunto de profissionais examinado representa apenas uma amostra ínfima da situação que caracteriza a prática profissional no país.

Mais quatro profissionais foram entrevistados para ajudar a compor o contexto de trabalho que envolve a prática profissional. **P8** e **P9** atuam na área de marketing, **P6** atua na área de pesquisa tecnológica e **P10** atua na área de ensino e pesquisa.

Cinco critérios de pertinência deram forma às categorias de análise do conteúdo das entrevistas: a prática, a formação, as expectativas, as preocupações e os desafios do designer frente a uma atividade projetual responsável.

4.1 PRÁTICA

A prática projetual revelou estar intimamente ligada à vida do profissional, moldada por sua formação acadêmica e por suas condições de existência num determinado contexto de trabalho.

Quando questionados: como entendem a prática do ecodesign ou do design sustentável no país?

Os profissionais P1 e P2, que possuíam somente informação sobre a temática do design & responsabilidade socioambiental, fizeram considerações apenas genéricas. O designer P1 citou o uso do Bioplástico como uma grande alternativa para novos projetos. E o designer P2 contou que há muitos anos discute essa temática e o que mudou nesse período foram os usos dos termos “poluição e lixo” que foram substituídos por “impacto ambiental, danos ecológicos, resíduos, etc.”.

Já os designers P3 e P4, com formação e trabalhos na temática do design & responsabilidade socioambiental, pontuaram com bastante especificidade suas colocações. O designer P3 revelou entender a prática do ecodesign como uma proposta de intervenção direcionada ao objeto material, já a prática do design sustentável como uma proposta de intervenção mais ampla: “é um conjunto de ferramentas que contempla todas as questões tradicionais do design, as questões ambientais e também engloba as questões sociais e humanas”.

O designer P4 destacou que a prática do ecodesign: “só é importante naquele produto que você produz em pequena escala, reaproveitando resíduos industriais ou agrícolas, onde a reprodutividade não é um grande foco. Quando o foco é a indústria ou a produção em massa, só o design sustentável pode apresentar um resultado importante e sustentável para o meio ambiente, para o consumidor e para a indústria produtora”.

Os designers P5 e P7, que trabalhavam com a temática do design & responsabilidade socioambiental, mas não possuíam formação específica para isso, demonstraram ter um conhecimento mais técnico de ação. O designer P5 citou o reaproveitamento de resíduos como uma possibilidade de intervenção prática do ecodesign. E o designer P7 enumerou algumas possibilidades de intervenções materiais, formais e de facilitação para a reciclagem do ecodesign. Contudo, em nenhum momento eles fizeram referência à proposta do design sustentável.

Assim, os discursos dos designers P1, P2, P5 e P7 mencionaram práticas de intervenção orientadas para o ecodesign, enquanto que os discursos dos designers P3 e P4, demonstrando um entendimento mais amplo das possibilidades de intervenção projetual, fizeram referências a propostas de ação bastante inovadoras, sugerindo como prática do design sustentável o projeto de “soluções” que propiciem mudanças de comportamento na sociedade.

Embora o designer P4 tenha demonstrado uma concepção mais abrangente da prática do design responsável, no cotidiano profissional ele também acaba por atuar num nível mais técnico, ligado à prática do ecodesign, como podemos confirmar neste trecho da entrevista: “Num produto como a Melissa, que usa como matéria-prima a resina plástica, você deve lembrar que ela usa molde de injeção e bicos de injeção; então, na hora em que eu estou projetando, penso num sistema que possa diminuir o canal de injeção, porque quando o PVC é aquecido pelo ar quente, a resina é injetada num molde e naquele canal que se forma na injeção sobra um pouco de resina que, depois de o molde desmontado, é jogada fora ou volta para o ciclo, dependendo do grau de conscientização e responsabilidade da fábrica.”

Quando questionados: de onde vem a proposta de trabalhar a temática do design & responsabilidade socioambiental no cotidiano profissional?

Os designers P4 e P7, que trabalhavam com projetos para produção massiva em grandes empresas, relataram contextos de trabalho com procedimentos bastante distintos.

O designer P4 expôs que na empresa em que atuava a proposta partia dos designers. Ele e sua equipe estudavam o contexto que envolvia o desenvolvimento de novos projetos: “sentimos a necessidade de trabalharmos também nas fases anteriores à operacional. Hoje nós trabalhamos também com os conceitos dos calçados antes de detalharmos o projeto”.



FIGURA 1 O profissional P4 projetou para a empresa Grendene, uma das maiores consumidoras de PVC flexível do mundo, que investe na reciclagem de 99% dos resíduos industriais. As imagens dos

calçados estão disponíveis no Website Institucional 2007 da Grendene, Newsletter - 03/maio/2006 - Informativo nº 01/2006 em: <http://ri.grendene.com.br/port/apresentacoes/01.asp>.

De modo diverso, o designer **P7** relatou que na empresa em trabalhava, o designer recebia do marketing praticamente toda a conceituação do projeto já definida, cabendo a ele apenas uma intervenção técnica: “o ‘briefing’ sempre surge no marketing. Às vezes ele vem acompanhado de uma proposta gráfica bem definida. Outras vezes, ele não vem muito detalhado, é um ‘briefing’ mais aberto e o designer tem de pesquisar e sugerir materiais”.

Mesmo não participando da fase de concepção, o designer **P7** afirmou acreditar ser importante conhecer todos os fatores e forças que envolviam o processo de produção, para que na fase de desenvolvimento ele pudesse dar a sua contribuição: “no processo de qualificação do fornecedor, a gente vai até a empresa, olha a parte técnica e acompanha todo o processo de produção. Acompanhamos a embalagem desde o desenho técnico, a produção do molde, a tiragem das primeiras provas, o molde definitivo e depois o piloto”.

Os diferentes relatos mostraram que a prática profissional não segue a regularidade e o planejamento de suas formações, exigindo o enfrentamento do projetista a uma “teia” de desafios pertinentes a diversas áreas do conhecimento.

Ainda dentro da categoria “Prática”, os profissionais **P8** e **P6**, “não designers”, fizeram críticas a pouca reflexão do designer acerca de eventuais consequências que a sua prática projetual pode ter.

O profissional **P8**, da área de marketing, declarou: “hoje não vejo nenhuma contribuição do designer para esta questão; só quando eu peço e pago por isso. Do contrário não vejo nenhuma preocupação do lado dele de trabalhar esses conceitos de forma espontânea”.

E o profissional **P6**, da área de tecnologia, seguiu a mesma linha de crítica ao afirmar que a indústria, o designer e a sociedade não têm demonstrado um grande compromisso com a problemática ambiental: “eles estão mais preocupados com os aspectos tecnológicos, estéticos e econômicos da produção material. A questão ambiental não tem saído do discurso mercadológico”.

Em geral, os entrevistados apontaram como outros fatores condicionantes da prática profissional responsável: a compreensão dos conceitos de ecodesign e design sustentável, o nível de conscientização do designer e da sociedade.

4.2 FORMAÇÃO

A formação e a preparação para enfrentamento da temática socioambiental com um repertório de conhecimentos e métodos de qualidade, foram indicadas como fatores indispensáveis à tomada de decisão na prática projetual.

Quando questionados: se o designer está preparado para projetar responsabilmente?

O designer P3, com formação em design sustentável, criticou a formação oferecida ao designer pela maior parte das faculdades no país, segundo ele: “a falta de informação e formação adequada tem gerado propostas equivocadas. A qualidade dos projetos enviados para o Prêmio Ecodesign não foi satisfatória devido à falta de conhecimento do que seria um produto orientado por esse conceito”.

Outros designers destacaram o fato de que continuam aprendendo “quase que exclusivamente” por imersão em pesquisas de iniciativa particular e no ambiente de produção através de experimentações. O designer P2 apontou que: “fora do Brasil o designer vai encontrar uma literatura abundante sobre o assunto. Aqui os estudantes têm se virado”. O designer P5 falou sobre a dificuldade para obter informações e se capacitar para trabalhar com os conceitos de sustentabilidade: “passamos quase um ano estudando o que seria o ecodesign, afinal a gente estava entrando nisso muito mais por intuição do que por conhecimento”.

Foi comum, entre os entrevistados, o entendimento de que a formação universitária deve propiciar a aquisição de conhecimentos e habilidades/ para o desenvolvimento de soluções socioambientais. De acordo com o designer P3: “o designer não está preparado para trabalhar as questões socioambientais no projeto. Não por falta de boa vontade, mas pela falta de uma formação e uma capacitação adequadas”. P4, também com formação em design sustentável, parece reiterar essa opinião quando criticou: “a grade curricular dos cursos de design mostra pouca preocupação com a temática da sustentabilidade. Isto faz com que os alunos, por falta de informação, deixem de ter uma atuação mais intensa na indústria”.

Todavia, o entendimento quanto à definição e à extensão dos conhecimentos e habilidades que é preciso desenvolver para a prática do design sustentável, revelou ser bastante diversa. Para o designer P3, a complexidade da proposta de design sustentável não pode ser compreendida dentro de uma disciplina específica da graduação. Já o designer P4 sustentou que: “o design sustentável não pode ser apenas um segmento do design. Não acredito que o design sustentável possa ser

apenas uma matéria, às vezes até optativa, como se você pudesse optar ou não por desenvolver produtos sustentáveis”.

No geral, os entrevistados declararam crer ser importante rever as questões do design sustentável e do ecodesign na grade curricular e as práticas didáticas correntes, para melhor definir os conhecimentos e as habilidades que devem fazer parte da formação profissional, de modo a motivar a construção de uma visão crítica e de convicções comprometidas com a prática projetual responsável.

4.3 EXPECTATIVAS

As expectativas expressas pelos entrevistados, quanto ao papel do designer, refletiram seu nível de conhecimento das possibilidades e dos limites da atividade projetual.

Quando questionados: sobre as expectativas de contribuição do designer para a minimização de impactos socioambientais dos produtos e da produção industrial do país?

O designer **P1** revelou esperar responder às demandas do setor industrial ao se empenhar em formar um novo profissional do design, com um papel importante nas “esferas do planejamento estratégico das empresas”.

Para o designer **P2**, cabe ao designer explorar melhor seu campo de trabalho e de pesquisa com propostas inovadoras e não meramente cosméticas: “para muitos ainda predomina a visão equivocada de que ele só faz estética”.

O designer **P3**, formado em design sustentável, espera que a difusão das noções de sustentabilidade abra novas portas de trabalho para o designer: “logo que retornei ao Brasil, foi-me oferecida a oportunidade de desenvolver um trabalho no Centro São Paulo de Design de difusão dos conceitos de sustentabilidade”.

Assim, o designer **P4**, também com formação em design sustentável, expressou ver com bons olhos a crescente importância dos conceitos de sustentabilidade nas empresas e esperar que os designers estejam abertos a assumi-los.

O designer **P7** começou a usar os conceitos de sustentabilidade nos projetos para atender a uma demanda da empresa. No entanto, hoje, assumiu ser esse um compromisso profissional: “o briefing nasce no departamento responsável pela marca e nós temos um time de projeto que toca isso, do qual nós fazemos parte.

Fazemos isso virar realidade segundo o que é tecnicamente viável e ecologicamente desejável”.

O que o mercado de trabalho espera dos profissionais que atuam no design é uma intervenção que, por vezes, está muito aquém da capacidade e das possibilidades da suas práxis, porém outras vezes está muito além dos limites de alcance dessa atividade. As entrevistas com os profissionais que não são designers, mas que trabalhavam com essa temática, revelaram bem a disparidade das expectativas.

O profissional P6, da área tecnológica, afirmou querer ver na prática os conceitos de sustentabilidade ser integrarem-se nos projetos e nos processos produtivos e que o designer ajude a concretizar esse sonho.

O profissional P8, da área de marketing, partilhou a mesma expectativa, por um viés de mercado, declarando: “eles precisam pensar em como facilitar o envase, para que ele seja funcional na minha máquina de envase, a embalagem ocupe pouco espaço na caixa de transporte, ela tenha pouco peso [...]. Precisam visualizar como propor novas formas de minimizar o impacto em toda cadeia produtiva, aumentando sua eficiência economicamente, ambientalmente e socialmente”.



FIGURA 2 O profissional P8 participou do projeto da embalagem para Creme da linha EKOS Internacional. A ausência do fundo nessa embalagem permitiu a redução de 33% do seu índice de análise de ciclo de vida. As imagens encontram-se disponíveis no Website Institucional 2007 da Natura em: <http://www.natura.net/port/hotsite/ekos/produtos/corpo.asp>.

De modo oposto, a profissional P9, também da área de marketing, afirmou esperar que o designer se preocupasse “exclusivamente” em concretizar as propostas desenvolvidas e apresentadas pelos profissionais de marketing: “o “briefing” para o desenvolvimento de novas embalagens vem do marketing. A partir dele é montada toda uma estrutura de desenvolvimento, com testes, moldes, avaliação, etc. Após ser aprovado pelo departamento técnico, ele é encaminhado para o designer desenvolver a comunicação visual [...]”.

A profissional P10, das áreas de ensino e filosofia, espera que o compromisso com a sustentabilidade se transforme em ideário da prática: “os designers precisam projetar pensando no crescimento populacional e no crescimento das áreas urbanas, pois é onde a questão se tornará praticamente caótica em termos de consumo de água e energia e em termos de necessidade de projetos de produtos que envolvam uma nova postura, que envolvam uma nova cultura”.

As expectativas expressas, quanto ao papel atual do designer no Brasil, revelaram-se bastante diversas. Porém, não foi somente o conhecimento que cada um tem da prática o fator responsável por definir as expectativas. As oportunidades, as condições e as demandas de trabalho, aliadas aos valores éticos, colaboraram, também, para delinear suas expectativas.

4.4 PREOCUPAÇÕES

Os designers entrevistados nesta pesquisa, demonstrando o cuidado, o interesse e o sentimento de responsabilidade que têm com a prática projetual responsável, manifestaram cada um a seu modo e segundo as condições vivenciadas nos ambientes de trabalho, certa preocupação em relação ao exercício da profissão.

Aparentemente são inquietações pontuais, ligadas ao trabalho que cada um realiza no cotidiano ou no setor em que atua, mas se examinadas com mais atenção, verificar-se-á que elas fazem parte de três grandes conjuntos de ponderações relacionadas às questões éticas, estéticas e técnicas.

Quando questionados: sobre cuidados que se deve ter na discussão do ecodesign e do design sustentável para a minimização de impactos socioambientais dos produtos e da produção industrial do país?

O designer P2 expressou suas inquietações de ordem ética, relacionadas ao uso da retórica ambiental não fundamentada: “na época da ECO RIO 92, parecia que o mundo só continuaria a existir se todos nós virássemos ‘verdes’ até a alma. Depois de algum tempo, percebemos que muita coisa do que foi dito mostrou ser um grande oportunismo econômico, fizeram disso uma bandeira falsa de marketing que não colou”.

O designer P3, com formação em design sustentável, declarou estar muito preocupado o rumo dos incentivos institucionais: “precisamos trabalhar com a educação, com a certificação, com a legislação, com incentivos e uma série de ações que estimulem investimentos nessa área”.

O reconhecimento dos limites da prática projetual levou o designer P4, também com formação em design sustentável, a manifestar certa angústia por reconhecer-se intérprete do sistema capitalista, de produção e comercialização, na sociedade: “quem trabalha com produtos de consumo em massa tem de projetar produtos que sejam descartáveis ou substituídos rapidamente. Mas e aí como fica a premissa da durabilidade? Como eu posso trabalhar esse contexto de mercado que não depende de mim? [...] Não adianta tentarmos trabalhar na contramão do mercado e pregar o não-consumo. Isto não é viável nem ecologicamente, nem socialmente no nosso país”.

O profissional P10, das áreas de ensino e filosofia, também demonstrou preocupação com os possíveis ardis dos discursos pró-ecológicos: “acho esse tema muito importante, só que tenho um grande temor em discutir sustentabilidade na América Latina onde a demanda social é muito grande e a exclusão social é muito dramática. Meu medo é de que se romantizem experiências na área de design sócio-ambiental e se comecem a trabalhar estas questões sem a devida consideração ética do trabalho que essa população demanda”.

No que diz respeito às ponderações de ordem estética, o deslumbre pela aparência exótica e “naturalista” tem levado alguns profissionais a adotarem esses atributos formais como representativos da responsabilidade ambiental, aproveitando-se do modismo das campanhas publicitárias.

O designer P5 afirmou estar preocupado com a estética diferenciada dada a alguns projetos: “não acho que a estética deva ser tratada de forma diferente nesse tipo de projeto; o que ele deve ter é comunicação. Ele tem de comunicar que é um produto de ecodesign e foi feito com a preocupação de ser sustentável”.

O profissional P10 chamou a atenção para o cuidado que se deve ter com representações estéticas simplistas, românticas, interesseiras e modistas. O designer P4 também vê com cautela a adoção de práticas que buscam estas intervenções: “temos de ter em mente que o produto não pode ser uma obra de arte para ficar exposto em um museu. O produto de industrialização massiva tem de ser consumido massivamente. [...] Só assim o produto tem design, caso contrário ele deixa de ser sustentável, por mais cuidado que você tenha tomado no processo produtivo, porque na medida em que você não vende o investimento financeiro, os custos de produção, os equipamentos, as máquinas e a mão-de-obra, ele passa a ser insustentável. Você pode quebrar uma fábrica”.

De acordo com ele o design sustentável não deve ter uma estética diferenciada: “não devemos segmentar ainda mais os produtos. Eu acho que o carro elétrico é

um mau exemplo de estética de design sustentável, porque ele assume uma estética que tenta estigmatizar o consumidor, isto é, diferenciá-lo dos outros. Tem gente que gosta de ser chamado de verde, mas tem gente que não. Ao adotar essa estética futurista, você acaba limitando o seu mercado de consumo”.

Por sua vez, o designer P5 relatou que em sua experiência profissional o material condiciona a estética do produto: “o material vai condicionar uma estética diferente, porque o material apresenta visualmente diferencial das matérias-primas comumente comercializadas no mercado”.

O último grupo de ponderações, mas não menos importante, faz referência a questões de ordem técnica.

É interessante destacar o relato do designer P5 que, mesmo estando ciente de seus limites e sabendo das conseqüências negativas que podem resultar de seu trabalho, expressa sua preocupação em reduzir os efeitos desse procedimento produtivo e justifica a sua intervenção: “nós temos como proposta desenvolver uma segunda vida para o couro e prorrogá-la ao máximo. Para isso, ainda usamos o cromo para curtir o couro. [...] O que temos a ganhar com o uso dessa substância hoje, enquanto não encontramos outra alternativa, é proporcionar uma longa duração a esse material e impedir que outros animais sejam abatidos para sua extração”.



FIGURA 3 O profissional P5 projetou para o Escritório Guetto de Ecodesign o Pano Guetto, que reutiliza parte dos resíduos de couro gerados pela indústria. A empresa Thonarte oferece uma linha de cadeiras revestidas com o Pano Guetto. As imagens das cadeiras encontram-se disponíveis no Website institucional 2007 do Escritório Guetto em: <http://www.queto.com.br/produtos.asp>.

O profissional P6, da área tecnológica, também chama a atenção para os equívocos que o discurso a favor do uso de material biodegradável e degradável como “solução” para reduzir os impactos ambientais pode provocar: “o fato de uma embalagem ser biodegradável, fotodegradável ou hidrodegradável e desaparecer na natureza só têm importância se considerar o uso de lixões para seu descarte”.

Segundo o designer P4, a valorização do plástico biodegradável deve ser vista com cautela: “o que existe também é uma guerra entre as indústrias de materiais e a gente tem de estar atento a ela”. O designer P2 também pareceu partilhar dessa crença quando declarou: “pra mim, a embalagem biodegradável é burrice. O que adianta investir num material que depois de pouco tempo vai apodrecer e aumentar o volume dos resíduos orgânicos?”.

O designer P2 e o profissional P6, da área tecnológica, também teceram considerações sobre o “lobby” das grandes indústrias. Segundo o designer P2, muito do que é anunciado pelo marketing verde é fruto da guerra dos fabricantes dos diferentes materiais, do plástico, do vidro, da lata: “todos querem se proteger e se lançar como mocinhos e heróis nessa história. Isso é guerra comercial”. Para o profissional P6, as industriais de resinas plásticas fazem uso de um discurso ecológico de redução do impacto ambiental do plástico no meio ambiente, por meio de incentivos à reciclagem: “mas, por trás do discurso tentam aprovar uma medida [no Conselho da ABNT] inibindo o uso do plástico reciclado em sacolas de supermercado”.

Os relatos das entrevistas, na sua dimensão ética, estética e técnica, revelaram seus anseios por uma sociedade mais justa, na qual o designer colaboraria para a criação de “soluções” mais adequadas à realidade socioambiental do país.

Contudo, foram muitas as ponderações que manifestaram a preocupação em distinguir o papel do designer, desde a mera condição de estilista até a de salvador do mundo.

O profissional P10, das áreas de ensino e filosofia, expressou a preocupação de que não sejam atribuídas ao designer responsabilidades que estão além das possibilidades da atividade projetual: “o designer é um dos elementos de uma grande cadeia, da qual todos nós necessitamos participar urgentemente. O designer tem de estar comprometido com essa temática sim, mas ele não é o único responsável; ele é um dos elementos”.

4.5 DESAFIOS

Do mesmo modo que as análises realizadas nas categorias anteriores, o discurso dos entrevistados em relação à difícil tarefa de trazer as questões ambientais para a atividade projetual também se mostrou ser bastante heterogêneo.

Quando questionado: quais os desafios a serem superados para uma prática projetual responsável?

O designer **P3**, com formação em design sustentável, destacou um dos obstáculos encontrados no processo de conscientização e conquista do consumidor: “no Brasil os problemas ambientais estão muito próximos, mesmo assim o consumidor não muda seu comportamento porque tem outras preocupações. Se o cidadão está mais preocupado com a falta de comida no prato, como ele pode se preocupar com o meio ambiente, principalmente se ele não tem o que comer?”.

As questões sociais relacionadas à miséria e à exclusão, mesmo sem receberem tanta atenção, mostram-se imperativas para grande parte da sociedade que se encontra desprovida de bens essenciais para sua vivência e cidadania.

O designer **P4**, também com formação em design sustentável, questionou o fato de projetos de produtos socioambientalmente responsáveis serem concebidos para uma pequena elite consciente e com condições econômicas de consumi-los: “por que produtos baratos não podem ter um bom design? Nós estamos falando de desenvolver produtos para a população de baixa renda, que é a grande consumidora de produtos da indústria de massa. [...] Se o diferencial está no projeto, por que não podemos também trabalhar o projeto desses produtos para que sejam mais eficientes tanto na linha de produção como na interface com o consumidor?”

Para a profissional **P10**, da área de ensino e filosofia, o designer tem de aprender a projetar considerando um grande crescimento populacional. Isto é, projetar produtos usando menos recursos e atender a demanda da população.

O designer **P4** alertou para o fato de que a sustentabilidade só é viável se mantiver equilibrado o seu tripé básico (social, ambiental e econômico): “quando me perguntam sobre os investimentos na implantação de programas de design sustentável, a resposta é bem fácil: nada se gasta e tudo se ganha, basta aprender a fazer mais com menos. O resultado é consequência [...] Eu preciso saber como o meu produto é feito, tudo o que acontece e envolve a sua produção antes de pegar papel e lápis ou de sentar na frente do computador para desenhar. Se eu fizer um projeto maluco aqui, eu, designer, vou [...] mandar metade desses operários para a rua. [...] É obrigação de o dono pagar o salário e do designer fazer o negócio daquela empresa sustentável”.

O designer **P7** relatou como as soluções criativas, relacionadas à fase de concepção do design, ainda ocorrem distante das soluções técnicas e como isso dificulta o trabalho: “acho que o maior desafio está em quando você recebe um “briefing” do marketing com uma proposta inovadora e enlouquecedora e tem de pensar como traduzir tudo isso de uma forma ambientalmente correta. Muitas vezes chegam

propostas com o uso de plásticos e metal misturados, rótulo silcado, etc. Quando vejo isso dá até um frio na barriga. Aí eu começo a separar tudo e pensar como vai ser possível reciclar esse material”.

O designer P4, com formação em design sustentável, também defendeu uma participação mais ativa do designer, tanto na conceituação como no desenvolvimento de um novo produto: “hoje, o que acontece? Ou você fica esperando haver uma demanda de mercado ou nós, como agentes disseminadores de design sustentável, propomos o projeto. Não adianta ficar esperando que lhe peçam. É você que tem de sair na frente. [...] Se eu consigo injetar um produto mais rápido, estou consumindo menos energia. Quem determina quanto tempo um produto leva para ser injetado é o designer e não o engenheiro de produção”.

O designer P4 afirmou considerar um grande desafio trazer os conceitos de sustentabilidade para o projeto de calçados de plástico para produção massiva que trabalha com um material que, à primeira vista, produz grande impacto ambiental. Para ele, o processo produtivo pode ser otimizado, mas tem seus limites técnicos, enquanto que a intervenção feita por meio do projeto pode e deve superar essas barreiras, pois suas possibilidades são maiores.

Em certos momentos, os designers entrevistados revelaram alguns obstáculos do cotidiano da vida profissional que constituem objeto de provocação a ser superado e, em outros, revelaram um apelo ao próprio ideário do profissional.

Não obstante, o conjunto das declarações mostrou que o ecodesign e o projeto de produtos sustentáveis, mesmo manifestando claramente sinais de serem tarefas de difícil execução, são desafios que não constroem e nem intimidam a atividade do design.

5 PANORAMA

O conjunto de opiniões e relatos, de um universo de profissionais considerados exemplares e participantes ativos em projetos e debates sobre a temática investigada, possibilita esboçar um painel dos aspectos que caracterizam o exercício do design responsável no Brasil, quando dele se destaca as diferentes condições e situações que influenciam, motivam e determinam o desempenho profissional da atividade de design.

Algumas dessas condições e situações merecem maior atenção, pois parecem interferir diretamente na compreensão dos rumos da profissão. Uma vez que, como ficou claro nas declarações dos entrevistados, que a atividade de design é percebida e contribui para a minimização de impactos socioambientais dos

produtos e da produção industrial de modo bastante diverso, em conformidade com a sua formação, contexto de trabalho e ideário dos projetistas.

Desde 1969, o ICSID, International Council of Societies of Industrial Design já aconselhava os designers a darem prioridade à qualidade de vida sobre a quantidade de produção. Para o ICSID, é tarefa do designer ampliar a sustentabilidade global e a proteção ambiental.

Na prática, ainda que o designer veja com bastante entusiasmo o seu potencial de colaboração para minimizar o impacto dos produtos e da produção industrial, os profissionais de projeto, assim como os profissionais das outras áreas afins, continuam caminhando no escuro. Pois, o debate em torno do que significa projetar responsavelmente suscita muita divergência, já que a idéia de se trabalhar movido por aspirações transformadoras não é uma tarefa simples.

De acordo com os profissionais entrevistados, o designer prossegue um pouco isolado de informações sobre seu trabalho para a preservação do meio ambiente e/ inclusão social. Por este motivo, muitas vezes perde grandes oportunidades de colaborar com as iniciativas promovidas pelo marketing socioambiental e pelo consumo responsável.

A compreensão da dimensão dos conceitos de ecodesign e design sustentável revelaram, também, serem condicionantes importantes na diversidade que marca a contribuição do designer, já que uma visão mais abrangente das possibilidades e limites da atividade projetual amplia as capacidades propositivas.

Segundo eles, o crescimento do grau de conscientização da sociedade², quanto aos impactos resultantes dos sistemas produtivos, das escolhas de consumo e das ações de descarte, aliado ao desenvolvimento de tecnologias mais amigáveis, aparece como fator condicionante importante para alargar as oportunidades de ação do designer.

O nível de conscientização do designer, quanto às conseqüências das escolhas que tem de fazer na atividade projetual, aliado ao preparo desse profissional para a tomada de decisão e ao conhecimento das ferramentas de avaliação, também aparece como fator condicionante importante que pode determinar a qualidade da prática propositiva.

² Segundo a Consultoria Market Analysis, o crescimento do grau de conscientização do consumidor levou a Bolsa de Valores de São Paulo a lançar em 2005 o Índice de Sustentabilidade Empresarial, isto é, uma carteira de ações que reúne empresas com reconhecido comprometimento com a responsabilidade social e a sustentabilidade empresarial. Disponível em: < www.uol.com.br/canalexecutivo/pesquisas.htm>. Acesso em 05 maio 2006.

Constatou-se ainda que, embora a prática responsável do design não corresponda, muitas vezes, às idéias expressas nos discursos dos entrevistados, ela revela o empenho desses profissionais em buscar outros caminhos de acordo com as diferentes condições de trabalho e coerentes com o que eles entendem como atribuição de uma ação projetual responsável.

Analisando melhor os aspectos que caracterizam a prática profissional, notou-se uma diretriz de ação mais intensa por parte de alguns designers bastante comprometidos com a temática socioambiental. São profissionais que respondem a um ideário pessoal ou que trabalham em empresas que possuem departamentos que tratam exclusivamente desse tema e, cotidianamente, se empenham em integrar os conceitos de sustentabilidade em projetos de novos produtos e nos processos produtivos de modo a viabilizar a implementação de políticas de gestão socioambiental na indústria brasileira.

De modo mais incipiente, notou-se a participação de outros designers que optaram por responder às demandas socioambientais, oriundas das instituições públicas, do mercado ou advindas da sociedade, apoiando ações externas à indústria.

Dessa forma, enquanto os designers comprometidos com a temática caminham na direção de contribuir com o desenvolvimento de “soluções” sustentáveis nos sistemas produtivos, buscando minimizar os impactos e otimizar benefícios, os outros se atêm em ações mais reativas para responder às demandas de mercado.

Pode-se dizer que estes últimos se encontram num estágio anterior de preocupação, o que não significa que não estão preocupados e nem dispostos a contribuir. Indica apenas que eles ainda encontram maiores dificuldades para distinguir as possibilidades de intervenção e orientar suas atividades para uma prática responsável.

Para os entrevistados, a consolidação de um repertório de conhecimentos rico em informações e metodologias que permita traduzir em valores os custos socioambientais, incorporando-os nas proposições projetuais, revelou ser fator vital para a qualificação da contribuição do designer.

Evidenciou-se, também, que o domínio das possibilidades de intervenção e dos instrumentos de avaliação, como a proposta de produtos-serviços e a ferramenta de ACV, a partir de uma base de informações coerentes com a realidade brasileira, pode aumentar as oportunidades de intervenção e ampliar o campo de trabalho.

Entre os designers entrevistados, mostrou ser consensual a idéia de que o projetista deve participar da concepção de um novo produto e colaborar com suas

intervenções desde o início para otimizar todo sistema produtivo. Já a idéia de uma intervenção mais ampla, que vá além das proposituras técnicas, por vezes parece causar certa confusão, perplexidade e mesmo estranheza nos entrevistados.

Outro fator relevante para o sucesso da participação do designer, apontado pelos entrevistados, é uma maior divulgação da idéia de sustentabilidade nos negócios, exaltando os benefícios tangíveis (como a redução do desperdício) e intangíveis (como uma eventual melhora na imagem da empresa), como um caminho promissor para conquistar o interesse dos industriais para investirem numa mudança gradual da cultura empresarial.

As declarações mostram que as dificuldades encontradas para equilibrar interesses financeiros e interesses socioambientais têm reduzido as oportunidades de trabalho e, até mesmo, desestimulado o designer nas suas proposições.

No entanto, se por um lado as mudanças em projetos estão restritas ao impacto que podem ter sobre o custo final do produto, por outro lado cresce junto ao mercado consumidor o espaço para projetos especiais. Que se alinham à promoção de uma imagem corporativa socioambientalmente responsável e possibilitam margens de ganhos um pouco maiores para as indústrias com a redução de custos.

As declarações, ainda, deixam claro certo descompasso das grades curriculares dos cursos de formação em desenho industrial com as demandas dos profissionais essenciais o exercício do design responsável³.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A insuficiência de informações bibliográficas, que permitissem conhecer as percepções e contribuições da atividade do design para a minimização de impactos socioambientais dos produtos e da produção industrial do país, levou esta investigação a procurar conhecer o que pensam profissionais que, com repertórios e trajetórias distintas, estão ligados à temática da produção do design & meio ambiente & sociedade no Brasil.

Deste modo, esta investigação destacou um momento histórico importante vivido pelos profissionais do design, a partir das informações trazidas pelos entrevistados

³ De acordo com Mattana (2002), que realizou um estudo sobre a inclusão dos condicionantes ambientais nas grades de disciplinas dos cursos de desenho industrial, ainda não se pode concluir se o tema deve ser abordado em um programa de aprendizagem específico ou, se pelo contrário, deve ser tratado holisticamente, e apreciado por todos os programas do curso. Entretanto, hoje, já vemos que muitas escolas incluíram o tema na grade curricular do ensino superior, assim como estão surgindo diferentes cursos de especialização voltados para esse segmento.

nos anos de 2006 e 2007, quando essa temática começou a ser debatida em empresas, instituições, associações e centros de pesquisas brasileiros.

A contemplação das opiniões e relatos sobre as forças e fatores que motivam o designer a uma prática projetual mais responsável, sugerem que a participação e a contribuição socioambiental do profissional do design devem ser examinadas em toda sua dimensão, com destaques para os aspectos de formação, informação, condições de mercado, contexto de trabalho e ideário pessoal.

Ao interligar o discurso, perfil e contexto profissional foi possível identificar os fatores determinam a contribuição e a não-contribuição do designer, assim como os detalhes qualitativos de sua ação.

Assim, espera-se que este esboço venha a contribuir para uma reflexão contínua sobre o papel do designer frente à problemática socioambiental, no que tange aos impactos dos produtos e da produção industrial.

7 REFERÊNCIAS

BONSIEPE, Gui. *A Tecnologia da tecnologia*. São Paulo: Ed. Edgard Blucher, 1983. 196 p.

Consultoria Market Analysis. Disponível em: <www.uol.com.br/canalexecutivo/pesquisas.htm>. Acesso em 05 maio 2006.

FRY, Tony. Ecodesign, Sustainability and Development. In *Catálogo do Prêmio Ecodesign*. São Paulo: FIESP/CIESP, 2003. 109 p.

KINDLEIN JÚNIOR, Wilson; PLATCHECK, Elizabeth R.. Analogia entre as Metodologias de Desenvolvimento de Produtos Atuais: incluindo a proposta de uma metodologia com ênfase no ecodesign. Rio de Janeiro: P&D, 2003. Artigo publicado em mídia eletrônica no *II Congresso Internacional de Pesquisa em Design*, 2003.

MALAGUTI DE SOUSA, Cyntia. *Impacto ambiental: parâmetro para o projeto de embalagens - o caso dos plásticos*. Tese de doutorado - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. São Paulo: 2000.

MALDONADO, Tomás. *El diseño industrial reconsiderado: definición, historia, bibliografía*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1977. Colección Punto y Línea, 95p.

MANZINI, Ezio; VEZZOLI, Carlo. *Lo sviluppo di prodotti sostenibili*. 1 ed. Rimini: Maggioli Editore, 1998.

MATTANA, Simone R. K. Proposição de práticas para a apropriação das recomendações da ISO 14000 no desenvolvimento de produtos: estudo de caso no curso de desenho industrial. Dissertação de mestrado - Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, SC: 2002.

MINAYO, M.C. Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. São Paulo: Editora Vozes, 1994.

PAPANEK, Victor. *Arquitetura e design: ecologia e ética*. Lisboa: Edições 70, 1995. 287 p.

PEREIRA, Andréa F. *Da sustentabilidade ambiental e da complexidade sistêmica no design industrial de produtos*. Revista Estudos em Design. Rio de Janeiro: 2003. V. 10, n. 01, p. 37-61.

PINATTI, Antônio Eduardo. *O desígnio de embalagens de consumo e meio ambiente*. Tese de doutorado - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. São Paulo: 2000.

RAMOS, Jaime. *Alternativas para o projeto ecológico de produtos*. Tese de doutorado - Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: 2001.

SANTOS, M. C. L. Arquitetura do desespero. *AP arquitetura design e interiores*, Belo Horizonte, 1996. V. 4, p. 78-79.

SOUZA, Paulo F. de A. *Sustentabilidade e responsabilidade social no design do produto: rumo à definição de indicadores*. Tese de doutorado - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 2007. 294p.

8 PALAVRAS-CHAVE

Designer, Profissão, Ecodesign, Desenvolvimento Sustentável

9 KEYWORDS

Designer, Profession, Ecodesign, Sustainable Development